

A SÁTIRA E AS TÉCNICAS RETÓRICAS NAS CARTAS JOCOSAS DE *O ALMOCREVE DE PETAS* (1798-1799)

Satire and rhetoric techniques in the letters of *O Almocreve de Petas* (1798-1799)

Maria do Carmo dos Santos
 UFPB
 Socorro de Fátima Pacífico Barbosa
 UFPB/CNPq

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as cartas jocosas do século XVIII em seu “suporte de origem”, o periódico português, *O Almocreve de Petas* (1798-1799), de José Daniel Rodrigues da Costa. A análise visa recuperar as representações satíricas, ou os lugares-comuns satirizados, da sociedade portuguesa da época, notadamente a figura da mulher e do homem vaidoso, chamado à época de taful, bem como compreender as técnicas retóricas da carta em tal suporte. Contudo, o maior objetivo deste artigo é demonstrar como está na escrita epistolar em periódicos jocosos a origem da prosa de ficção em fatias, cuja consolidação se dará com o romance folhetim, nos periódicos do século XIX (MEYER, 1996). Com relação à sátira, entendemos com HANSEN (2003), que a sátira “encontra a realidade de seu tempo como sistema simbólico convencional de preceitos técnicos, verossimilhanças e decoros partilhados por sujeitos de enunciação, destinatários e públicos empíricos.

PALAVRAS-CHAVE: José Daniel Rodrigues da Costa; folhetos jocosos; cartas jocosas.

ABSTRACT

The following essay aims to analyze the jocular letters of 18th century in its “original medium”, the Portuguese newspaper *O Almocreve de Petas* (1798-1799), from José Daniel Rodrigues da Costa. The analysis aims to retrieve the satiric representations, or satirized commonplaces, of Portuguese society from the age, notably the figures of woman and vain man, known by that time as “taful”, as so as comprehend the rhetoric techniques of letters in that medium. Nevertheless, this article main objective is to demonstrate how the origins of periodic fictions, later consolidated by serial romances in 19th century (MEYER 1996), are on the epistolary writing of jocular newspapers. On satire, we understand with HANSEN (2003), that satire “finds its own time reality as a conventional symbolic system of technical precepts, verisimilitudes and decora shared by enunciative subjects, receivers and empirical audiences”.

KEYWORDS: José Daniel Rodrigues da Costa; jocular newspapers; jocular letters.

Introdução

O folheto periódico jocosos *O Almocreve de Petas*¹ ou *moral disfarçada, para correção das miudezas da vida*, do editor e autor português José Daniel Rodrigues da Costa, cujo pseudônimo é “Josino Leiriense”, circulou em Lisboa semanalmente entre os anos de 1797 a 1799, com publicação pela Oficina de Simão Thadeu Ferreira. O jornal era enumerado por folhetos, sendo estes

¹ Atualmente em desuso, as palavras almocreve e petas significam respectivamente: almocreve, homem que leva encomendas e cargas. E petas são graças chulas, mentiras enganosas, isto é enganar com graças, segundo o *Diccionario da Língua Portuguesa* (SILVA, 1789)

chamados de “partes” e cada um deles composto por oito páginas que, ao fim da sua publicação, totalizou dois tomos com 88 folhetos o Tomo I e 52 o Tomo II. “Obra para desafogo das horas vagas” o *Almocreve* tinha como principal objetivo satirizar alguns costumes da sociedade portuguesa do século XVIII. O editor causou estranhamento, pelo fato de suas publicações possuírem conteúdos “exacerbadamente” jocosos, o que se desviava das regras aceitas como normais para sua época. Logo no primeiro número, José Daniel se prontifica a justificar a escrita de caráter jocoso que o periódico terá:

Assegura, e protesta o Escritor desta obra, que não he² sua intenção remoquear ou aludir a pessoa alguma em articular com as palavras, e narrações puramente fictícias, e jocosas de que nellas se serve, pois só procura facilitar por este modo a recreação do espirito, e ainda a lição de muitas cousas miudas da vida, pois os casos, que contem, são de mera invenção, sem satyras ou inventivas aos Leitores, D.c (*Almocreve de Petas*, 1797, Folheto I, p. 8)

O periódico jocoso português, pouco conhecido na atualidade, é composto por dois tomos abrigando diversos gêneros textuais, entre os quais: cartas, gêneros poéticos e notícias são alguns exemplos que circularam. Dentre esses, a carta é predominante e através dela o editor aborda temas banais que fazem parte do cotidiano da época, satirizando assim, a sociedade lusitana do século XVIII. Uma dessas missivas que, juntamente com outras cinco de remetentes diferentes, formará o corpus principal deste trabalho, é a *Carta, que o Cavalheiro de Bragas costumado a pezadellos escreveo ao seu Amigo de Lisboa; participando-lhe outro sonho que teve de tanta Variedade e gosto*, inicia-se na página 323 do primeiro tomo e persiste até a página 110 do segundo, sendo publicada em 12 partes/capítulos e com o total de 36 páginas. Esta carta de duração tão longa, publicada em XXXX semanas, é o objeto de análise deste trabalho porque entendemos que ela é um exemplo, entre tantos outros, de que a carta nos periódicos jocosos portugueses do século XVIII apresenta características semelhantes àquelas que se consolidaram com o romance em folhetim, publicados em jornais, gênero que viria a ascender no século XIX. A nos nortear, o pressuposto segundo ao lado da permanência de gêneros antigos, sempre existe a possibilidade da criação de novos, “lembrando que o gênero não tem que ser puro ou inalterável em suas disposições” (PÉCORA, 2001, p. 12). e de como um gênero em seu estilo erudito, ao ser apropriado por um do estilo jocoso, pode sim a vir desenvolver formas mistas.

Ademais, entendemos que a pesquisa em escritos Setecentistas é de fundamental importância para que se possa emergir um novo olhar sobre um século pouco estudado do ponto de vista deste tipo de imprensa periódica. Entre outras contribuições, estes periódicos são, a nosso ver, responsáveis pela popularização, no campo literário, de vários gêneros poéticos que foram publicados primeiramente como sublimes e tiveram nesses folhetos sua leitura e popularização. Além disso, a pesquisa em jornais do século ao qual será analisado: XVIII, bem como o XIX, se mostra importante, pois demonstra a dívida que o campo literário mantém com o jornal, pois foi através dele que a literatura começou a se popularizar e a ser lida por um número maior de leitores como demonstram já várias pesquisas.

Desta forma, na primeira parte apresentamos as técnicas retóricas próprias à escrita desses periódicos, bem como a forma como se apresentam nas cartas do jornal *O Almocreve de Petas*. Na segunda, realizaremos a análise das cartas de *O Almocreve de Petas*, demonstrando que uma delas: *Carta, que o Cavalheiro de Bragas costumado a pezadellos escreveo ao seu Amigo de Lisboa; participando-lhe outro sonho que teve de tanta Variedade e gosto*, na verdade se trata de um esboço do que poderíamos chamar no século XIX de romance, pois apesar dos romances folhetins só surgirem no século XIX, percebemos características desse gênero na carta (a partir de agora

² Será mantida a ortografia da época em todas as citações do periódico.

trataremos a obra citada como carta/romance) em análise, fazendo das cartas jocosas uma sátira ao romance epistolar. Além disso, mostraremos como o editor do *O Almocreve* se utiliza da sátira para desmascarar os fatos políticos, econômicos e culturais da Corte portuguesa do século XVIII, fazendo da Ilha dos Tafuis³ (espaço narrativo da carta/romance mencionada acima) uma alegoria de Portugal. Os estudos de Meyer (1996), Hansen (2003), Oliveira Martins (1987) e outros teóricos nos auxiliarão a demonstrar o que está sendo afirmado neste trabalho.

1. As técnicas retóricas no gênero epistolar do setecentos

No jornal *O Almocreve de Petas*, observamos a presença marcante de técnicas retóricas nas cartas às quais estamos analisando neste trabalho, pois para se escrever cartas nos Setecentos, era necessário conhecer as práticas, isto é, as técnicas retóricas que eram responsáveis pelo desenvolvimento do gênero em questão. De acordo com Hansen (2013, p. 12), a *ars rhetorica*/arte retórica está relacionadas com a fala “não a qualquer, mas à inventada e ordenada segundo técnicas de escorrer ou discorrer com a eficácia persuasiva do falar bem definido”. Sendo assim, no jornal em análise, percebemos que os remetentes das missivas se utilizam dessas estratégias para satirizar de forma artificiosa, os costumes e lugares comuns à época.

As cartas no século XVIII não eram escritas de qualquer maneira, seus escritores precisavam demonstrar erudição para que, assim, pudessem seguir os modelos já pré-estabelecidos cujas regras eram amplamente divulgadas nos Secretários ou Manuais de escrever cartas, entre os quais se destaca no século XVIII, o de Francisco José Freire (1787). Fica claro, assim, que existia para cada tipo de missiva, um modelo a ser seguido, dos quais os folhetos jocosos lusos, do século XVIII, não se furtavam. Os periódicos jocosos do século XVIII se tornaram o palco por excelência deste tipo de cartas. Basta observar o jornal *Anatômico Joso* (1755-1758), com um número inteiramente dedicado a elas.

Em outra carta do jornal, atribuída a um taful palavra que significa festeiro, vagabundo, almofadinha, apaixonado que: “escreve cartas a sua Amada, as quais andam nos annais da fama”, há uma satirização do amor:

Se a catástrofe, Minha Senhora, se a catástrofe da sua amizade empregando os bípedes zelos de encomios corajosos, me vapulasse o dorso com choreas, usança antiga, meu sulfureo coração teria agoado pelas vênas de meu peito, onde o somnifero Amor dos limites passa fora [...] e lambem o socego, fazer hiatos, que eu lhei de casar com v. m., ou ir para o deserto fazer vida com os rubidos, farfantes [...] ainda que eu a visse bydrópica de bexigas, não desprezaria a v. m., nem a Senhora sua Mãi, a quem muito me recomendo. Não tema que o tédio Nazal grete, ou rompa os remoques, que a sua visinha da escada me dá, quando eu passo, que os effluvios eficazes retumbão cada ve mais nos sórdidos ouvidos deste seu servo, e amante, que em todo tempo há de vir nas paixões amorosas a ser o espelho daqueles, que calçarem com o meu sapateiro. Estes são os puros votos do meu chamejante amor, que até a morte há de conservar este seu Tilitante criado, Amigo, e venerador. Valerio Tança. (*Almocreve de Petas*, Parte XLIX, Tomo II, 1798. p. 6-7)

Em se tratando de um escrito jocoso, subtendemos que o remetente faz isso com o propósito de camuflar seu real objetivo que era, nesta carta, especificamente, satirizar as relações amorosas e, ao mesmo tempo, o taful, lugar comum que será analisado mais a frente em nosso trabalho. Notamos que o autor da carta utiliza o artifício da eloquência, isto, é a arte do bem falar para forjar

³ Entenda-se taful como “o que é jogador por ofício, ou hábito reputado entre os bons por vil e torpe, bêbado. O que vive alegremente e é dado a todo o gênero de divertimento”, SILVA, p. 439),

uma declaração amorosa em relação a sua “amada”, pois como afirma Tringali (1988, p. 19), discurso retórico é o texto que tem como objetivo a persuasão e: “discurso supõe um outro discurso em confronto [...] e supõe um discurso posterior que pode ser imediato ou retardado ou ficar em aberto”. Nesta carta, o seu autor, Valerio Tança faz uso da agudeza, ou seja, ao discurso engenhoso (CEIA, 2014). No entanto, um leitor atento percebe claramente que, na verdade, na carta, o remetente teful está zombando do amor.

Segundo Tin (2005, p. 22), a narração epistolar: “está orientada não só para informar, mas também para persuadir, podendo supor-se também que o destinatário tenha já alguma informação sobre os fatos”. Isso é notório nas cartas de *O Almocreve de Petas*, ou seja, quando D. Sonho Sonhé, autor da carta/romance, corpus de análise do nosso trabalho, satiriza a mulher, o teful, e Portugal, ele supõe que seu leitor já tenha conhecimento dos assuntos abordados por ele para a construção das críticas lançadas a tais personagens, como lugares comuns da sátira.

Também é possível identificar, em o *Almocreve*, uma *Carta que escreveo Theodozia Maria a seu filho, que anda nos Estudos de Coimbra, a qual por artes do Amocreve veio em copia às mãos do Editor*, atribuída a Theodozia Maria, mãe que escreve ao filho que está em uma universidade de Coimbra para dizer-lhe das insatisfações de seu pai quanto ao comportamento deste:

Meu carissimo, e muito amado filho da minha varonica do coração: a minha benção te boto, e te cubra para que sejas hum santo; [...] Cá a recebi noticias tuas por hua carta, que a recebeo teu Pai, e ele se agastou muito pelo tratares com tantas rhetolicas, e pyrambulas jacutorias. Tinha a tal carta huma letra tão somenos, e enrabiscada, que não lhe escapando hum seutil com a ingratição da vista, lhe suou o nariz tanto, que o olicos lhe cahirão inflabilidades de vezes sem lombrigar os teus amantes colóquios; [...] chamou teu Pai hum menino órfão, nosso visinho, para que puzesse em Portuguez maldita Carta. [...] tambem se consumiu muito por mudares de nome, pois se eras d’antes Ambrosio Pitora, para que puzestes no sobrescrito Ambrosio Palhoça: ele jurou-te pelas barbas. Teu irmão mais velho já está precrador da Irmandade [...] Não te esqueças de ler naqueles livros, que te dei = Dos contos de Trancoso, = a Plingrinação de Alngelica, = e as Canóicas da Ordem de Bertoldo, que sobre tudo são as mais divertidas [...] (*Almocreve de Petas*, Parte VI, p. 3, Tomo II, 1799)

No trecho, percebemos um lugar comum da época, isto é, a escrita de cartas para aconselhamento dos filhos, cujo exemplo Interessante ressaltar a crítica que ela faz a forma de escrita do filho: “Tinha a tal carta huma letra tão somenos, e enrabiscada/ chamou teu Pai hum menino órfão, nosso visinho, para que puzesse em Portuguez a maldita Carta”. Constatamos que o editor do jornal almeja com essa missiva, satirizar e, ao mesmo tempo, se defender, pois são latentes, no próprio jornal, as críticas recebidas por seus adversários (não são citados os nomes dos desafetos do editor), devido ao fato de sua escrita diferir do modelo tradicional que vigorava no momento. José Daniel Rodrigues da Costa utiliza-se de falsas missivas para, implicitamente, satirizar seus oponentes. (BARBOSA, 2012)

Citamos, abaixo, como exemplificação das provocações de Daniel Rodrigues aos seus críticos, uma poesia escrita para satirizar os rapazes tafuis, para que se perceba que a sátira não se faz presente apenas nas cartas, mas também em outros gêneros publicados no jornal. O escrito é oferecido “Aos leitores tafues”:

De vós Tafúes de luneta,
Inimigos do Almocreve,
Vejo mais petas n’um dia,
Que n’um anno a pena escreve:

Acho-vos bastante graça
 Em desdenhardes das petas,
 Mas eu teimando em narrallas
 Vos cravo dobradas setas:
 [...]
 Mas se ainda duvidaes
 Da abundância, que relato,
 Vamos fazer huma aposta,
 Veremos quem paga o Pato:

Apostemos qual primeiro
 Nas petas há de cançar,
 Se hei eu de as compôr,
 Se haveis ser vós de as comprar:
 [...]

Fica o nosso ajuste feito,
 Agora nem xus, nem bus,
 Vou pacear pelo mundo,
 A escolher petas... de truz (*Almocreve de Petas*, Parte I, s/p, Tomo II, 1799).

É notável a advertência do editor em relação aos seus críticos, se nas cartas ainda há certa camuflagem, em relação às sátiras empregadas, na poesia acima, o editor é explícito, ou seja, fica clara a mensagem a ser transmitida: “Acho-vos bastante graça/ Em desdenhardes das petas/ Mas eu teimando em narrallas/ Vos cravo dobradas setas”. O editor/ eu lírico afirma nos versos citados, que o fato dos tafuis desdenharem de seus escritos, em nada alterará, nem tampouco fará com que ele abandone seu estilo jocoso de escrever. Na quinta estrofe, o eu lírico propõe uma aposta aos seus críticos e pergunta quem primeiro se cansará das “petas”, se ele em as compor ou os adversários em as comprar. O artifício aqui é demonstrar a todos que, até mesmo aqueles que o criticam, gostam de seus escritos.

Segundo Tringali (1988, p. 21), persuadir (objetivo principal da retórica) é gênero e compreende três formas de persuasão, que são: convencer: vencer o oponente com sua participação e, nas palavras do autor: “tecnicamente denota persuadir a mente através de provas lógicas: indutivas (exemplos) ou dedutivas (argumentos)”; comover: é persuadir por meio do coração e pela excitação da afetividade. De acordo com o autor, a vontade convence o intelecto a aderir ao ponto de vista do orador. Por fim, agradar, que: diz respeito a seduzir, encantar e deleitar. Para Tringali (1998, p. 21), o discurso retórico, deleitando ajuda a persuadir e: “agrada à faculdade do gosto, principalmente pelas louçanias de estilo”. No *O Almocreve de Petas*, observamos essas três maneiras de persuadir, principalmente a última (agradar), pois percebemos que os textos publicados, no jornal, ao mesmo tempo em que deleita, já que utiliza recursos como o humor e a sátira aos costumes românticos, persuadem seus leitores a aceitar o objetivo precípua do editor, isto é, satirizar os tipos comuns da sociedade portuguesa do século XVIII.

José Daniel, na Parte do Tomo I, demonstra a importância de seu jornal na vida de seus leitores:

Leitor aplicado, e curioso, o Homem ocupado dos negocios mais sérios se encontra na rua o Urso bailando; não se dispensa de lhe botar os olhos, se he que não para, dando o seu sorriso: o Homem cheio de aflições, que vê no Rocio o Pobre tocando viola com os pés, demora-se, gosta, e às vezes larga os seus cobres [...] tudo isto attrahe o Homem mais sisudo; pois assim como a vista necessita da variedade das cores, e dos diferentes objetos, igualmente o Espirito precisa variar de

ponderações, e de assumptos, que o molestem; isto mesmo nos dá a entender o sábio Esopo no célebre conto, que traduzido se segue: razão porque me disponho a dar-vos a presente Obra para desafogo das horas vagas, em que ambos teremos o nosso recreio, eu em compor, e vós em comprar (*Almocreve de Petas*, Parte I, p. Tomo I, p. 1, 1797).

O que vemos na citação acima é o artifício do autor para tentar convencer seus leitores a consumirem seus escritos. Para tal propósito, utiliza, como estratégia, o que para ele seria o prazer literário dos leitores da época: o gosto por leituras estrangeiras. Além disso, percebemos mais uma vez a presença da persuasão do editor em fazer com que aceitassem seus textos: “Assim como a vista necessita da variedade das cores, e dos diferentes objetos, igualmente o Espírito precisa variar de ponderações, e de assumptos, que o molestem”. E é assim que ele tenta fazer com que os homens “sisudos” se convençam da riqueza e importância de o *Almocreve de Petas* em suas vidas.

Tringali (1988) também ressalta que, em se tratando de uma análise de um texto em prosa ou verso, sob o aspecto retórico, deve-se levar em consideração necessariamente, o auditório (leitor), com a ressalva, entretanto, que se considere o auditório construído pelo próprio texto. Fica evidente, assim, que a estratégia do autor em deixar margem para que o leitor construa o sentido do texto, não é uma prática recente como postulam algumas teorias literárias modernas, a exemplo da estética da recepção, mas sim, que já ocorre desde o século XIII. Há, portanto, uma relação tríade entre autor/ obra/ leitor. No *Almocreve de Petas*, essa relação é evidenciada constantemente, pois a carta/romance *que o Cavalheiro de Bragas costumado a pezadellos escreveo no seu Amigo de Lisboa; participando-lhe outro sonho que teve de tanta Variedade e gosto*, por exemplo, demanda um conhecimento da parte dos leitores acerca do que estava acontecendo na Corte nos anos de 1798 a 1799, quando da sua publicação. Sem esse subsídio, o leitor não teria como compreender a sátira feita alegoricamente por D. Sonho Sonhê (que evidentemente é um pseudônimo de José Daniel Rodrigues da Costa), pois o conhecimento do contexto histórico é um fator preponderante pra que o público leitor possa atribuir sentido a obra.

No caso das cartas do *Almocreve de Petas*, o gênero oratório que se faz mais presente é justamente o laudatório, (louvar e vituperar), pois o jornal é predominantemente satírico (o que será explorado com mais propriedade na segunda parte deste trabalho), pois é um dos componentes do laudatório. Um dos exemplos de sátira observado no jornal em análise é o fato de os próprios nomes dos remetentes das cartas, que tratam de coisas ridículas, despedirem-se de seus destinatários. Assinaturas como: *Manoel Trouxa; Jose Bolota Saveiro; Bento Baptista Batata; Caracol Dias d Abreu; Minhoto Antiquario da Costa; Tomé Tamlho da Tosta*, entre tantos outros, apontam claramente a jocosidade de suas cartas e o caráter satírico que elas possuem.

As cartas publicadas em jornais e periódicos precisam ser compreendidas como gênero pertencente à prosa de ficção, e sendo assim, a exemplo de outros gêneros como a crônica, também é responsável pela formação do romance luso-brasileiro. Segundo Barbosa (2007, p. 28), saber fazer a distinção entre o que é literatura atualmente e o que era em séculos anteriores é de fundamental importância para que se possa evitar interpretações errôneas, principalmente, no que concerne ao termo literatura e a categoria estética. Vemos, portanto que é essencial estudarmos o jornal *Almocreve de Petas* não com a concepção de literatura moderna mas com o olhar voltado para o século XVIII, época de sua circulação.

2. A carta no jornal do século XVIII

A carta no século XVIII ocupa um espaço significativo nos jornais. Enquanto meio de informação, proporcionou ao leitor daquele tempo, a possibilidade de participar ativamente enquanto sujeito social das construções textuais, construções essas que abarcavam temáticas

diversas, desde uma simples carta pessoal destinada a um parente que se encontrava afastado de seu país, às críticas em relação aos costumes da época e até mesmo ao próprio jornal, suporte no qual esse gênero circulava. Entendemos assim, que a carta no jornal é um objeto de estudo justificável, pois através dela podemos compreender também como se deu o processo de construção e de representação dos leitores nos séculos XVIII e XIX que eram ao mesmo tempo autores de escritos vários. Segundo Barbosa (2007, p. 58), “o documento epistolar precisa ser lido a partir das regras que o constituem como objeto legível no tempo de sua enunciação”.

Sendo assim, o que propomos nesse trabalho não é abordar o epistolar meramente enquanto gênero textual arcaico que possui um remetente que deseja comunicar algo a um destinatário, mas observá-lo, primeiramente, como um escrito que possui elementos retóricos que visam cumprir um propósito comunicativo inerente a sua época. No caso do corpus em análise, o objetivo era o de através da carta satirizar tipos comuns da cidade de Lisboa, como por exemplo: a mulher vaidosa, o taful (atualmente: festeiro, vagabundo, almofadinha) e principalmente os costumes de Portugal.

A *Carta, que o Cavalheiro de Bragas costumado a pezadellos escreveo no seu Amigo de Lisboa; participando-lhe outro sonho que teve de tanta Variedade e gosto* possui quase todos os elementos de um texto narrativo literário, isto é, tem um narrador (em primeira pessoa/narrador personagem); personagens, espaço, tempo e enredo, o que nos permite (por mais que no periódico, esteja classificado como carta), inserir esse texto em outro gênero textual: o do romance epistolar jocoso. De acordo com Barbosa (2007, p. 59) “A carta foi por excelência o gênero pelo qual a escrita se mascarou, ao confundir o público e o privado [...] ela também se constitui como ficção”. Além disso, a narrativa citada se faz presente em vários números do *Almocreve*, se apresentando com o mesmo artifício de publicação com que algumas décadas depois serão publicados os romances folhetins no século XIX. Os romances publicados em periódicos, com seu tradicional “continua”, foram uma das principais leituras do século XIX. Um exemplo disso, na carta em análise, é a despedida do remetente ao seu amigo: “Espere Carta para o Correio que vem para a continuação do mesmo sonho” (*Almocreve de Petas*, Tomo II, 1799, p. 6), o que mais tarde vai se configurar como o conhecido chamariz “continua amanhã”, dos romances folhetins. Tal estratégia tinha o objetivo de prender a atenção do leitor, fazendo com que comprassem o próximo número do jornal para que assim pudessem acompanhar o desenrolar da história.

A carta no século XVIII também é entendida, nesse trabalho, enquanto gênero retórico. É importante ressaltar que neste trabalho, consideramos retórica não como o senso comum a concebe, isto é, como um discurso ultrapassado e inverídico, mas sim, com a visão de Tringali (1988). De acordo com o autor, a retórica “por excelência”, a retórica integral, nascida na Grécia e denominada retórica antiga, com o tempo sofreu perdas sucessivas em sua concepção e terminou sendo dividida em partes, dando origem a “novas retóricas”: a Retórica Antiga, a Clássica, a das Figuras, a Nova e a Semiótica. Para Tringali, (1988, p. 17) ela é ao mesmo tempo antiga e atual e: “Tradicionalmente, se define como teoria e prática do discurso retórico. Explica os problemas referentes à elaboração, produção e efeitos do discurso. Ela contém duplo objetivo: ensina a fazer discursos persuasivos e ensina a fazê-los bem feitos”.

No *Almocreve de Petas*, percebemos remetentes que almejam persuadir implicitamente seus destinatários. A *Carta, que o Cavalheiro de Bragas costumado a pezadellos escreveo ao seu Amigo de Lisboa; participando-lhe outro sonho que teve de tanta Variedade e gosto*, aparece, como foi dito anteriormente, 12 vezes e não são numeradas. O remetente/narrador do sonho, D. Sonho Sonhé, tenta convencer seu amigo de que seu sonho é uma representação de fatos que realmente estão ocorrendo, na cidade de Lisboa, para isso se utiliza da linguagem alegórica e de elementos retóricos para satirizar o que está lhe incomodando.

A carta mencionada acima e que retrata o sonho que o remetente “sonhador”, tem e cujo espaço onírico é sempre o mesmo: a “Ilha dos Tafuis” é uma alegoria do país de Portugal. Tal possibilidade de leitura surgiu após o conhecimento da *História de Portugal*, de Oliveira Martins

(1987), pois, na sua narrativa, o autor desmascara satiricamente os fatos negativos que estavam ocorrendo no país. Sendo assim, podemos atestar que na carta em análise, o remetente almeja ridicularizar de forma satírica os tipos comuns e os costumes da época, fazendo assim, uma alegoria da Ilha à corte portuguesa do século XVIII. O remetente escreve a seu amigo para contar-lhes histórias absurdas que acontecem na ilha dos “Tafuis”, e assina como D. Sonho Sonhé, mas também tem a alcunha de: *O cavalheiro dos pezadellos*.

Para que possamos ter uma melhor compreensão do corpus em análise, segue um breve resumo da carta aqui considerada também como romance: *Carta, que o Cavalheiro de Bragas costumado a pezadellos escreveo ao seu Amigo de Lisboa; participando-lhe outro sonho que teve de tanta Variedade e gosto*. A narrativa retrata um sonho que D. Sonho Sonhé participa ao amigo sobre os fatos presenciados pelo remetente, que reside no momento da enunciação, na Ilha dos Tafuis. A carta tem início na Parte XL Tomo I, (1798, p. 1-3) no *O Almocreve de Petas* e perpassa todo o Tomo II, (1799) da Parte XLVII, p. 1 a LIX, p. 2-4. Na carta, são narradas, sempre satiricamente, histórias jocosas que acontecem no plano onírico da narrativa. A ilha é uma alegoria da Corte portuguesa, isto é, seu objetivo é desmascarar os episódios políticos, sociais e culturais que estão acontecendo em Lisboa no século XVIII. Na primeira parte/capítulo da carta/romance, Sonhé narra ao “amigo” à forma como, em sonho, chegou à ilha dos tafuis e de como foi seu primeiro contato com os moradores locais. Importante ressaltar que na página 366 do jornal, descobrimos quem é o destinatário para quem Sonhé escreve, trata-se de “Caracol Dias”, que após cessarem os sonhos do remetente, e a pedido deste, escreve a ele para por sua vez contar-lhe os fatos que estão correndo na cidade de Lisboa, no plano da realidade.

Sonhé confessa ao “amigo” que, ao chegar à ilha, perguntou a uns homens (que o acompanharão em toda sua aventura onírica) o que procuravam naquela ilha e obteve a seguinte resposta:

Nós buscamos nesta praia cousinhas bonitas da natureza para infeites de Senhoras: porque esta Ilha he a da tafularia: e nos outros fazemos aqui hum grande negocio. E como as Senhoras deste sitio já não sabem com que hão de compor o pescoço, e a cabeça, pois tem usado de tudo quanto há, e até de feijões vermelhos; andamos aqui na indagação de cousas glantes, que as aguas arrojão para lhes vender-mos nas nossas lojas por alto preço; porque nesta ilha tudo he tafularia. (*Almocreve de Petas*, parte XLVII, 1799, Tomo II, p. 3.)

Percebemos, na citação, uma crítica aos costumes da época, principalmente à cidade de Lisboa em fins do século XVIII, pois na época as mulheres (assim como toda a sociedade) sofriam forte influência francesa, fazendo com que chegassem a se vestir e ornarem-se de modo extravagante (MARTINS, 1987), perdendo o que ele supunha ser a essência da mulher portuguesa.

Para que possamos compreender o contexto de enunciação no qual o *Almocreve de Petas* está inserido, e assim entendermos a citação acima, faz-se necessário nos reportarmos ao historiador Oliveira Martins (1987-VII). O autor relata os fatos e acontecimentos de Portugal do século XVIII, de forma também satírica, não poupando adjetivos para caracterizar as personalidades da época. Nas palavras de Martins (1987, p. 377), D. Maria I é uma mulher virtuosa, “mas também maior beata que a educação jesuíta criara no decurso de quase três séculos.”e veio a falecer louca; D. João VI, rubro, gordo “arrotando soltamente, à portuguesa”, além de fazer a corte às escondidas da rainha, a todas as moças do paço que passasse em sua frente; Nicolau Luís que obteve os epítetos de Bandalho, faceira e tido em seu tempo como peralta, é caracterizado pelo autor como um janota que desprezava os costumes nacionais e valorizava os franceses e italianos, namorador, inclusive das freiras, estas por sua vez namoravam nas grades dos conventos e de acordo com o autor, o amor das freiras:

Era o mais apetezido e o mais picante. A severidade do hábito, o composto da figura emoldurada na touca irritavam. Para os capelães e confesores, as freiras eram uma tentação constante, vivendo com elas no convento, no confessional. [...] a arte de namorar, cultivada por todas as classes, tinha prescrições especiais nos conventos, por causa dos vestidos de feio diverso, e dos encontros das grades. Mostrar o sapato com pejo, por acaso, mas de modo a enlouquecer; voltar a cara piedosamente, ao ouvir as confissões galantes; ter os trejeitos melindrosos; indicar desafectadamente as formas, eram entre outras, as regras do amor devoto. (MARTINS, 1987, p. 382-383)

Martins escancara⁴ as práticas que a igreja tanto tentava encobrir. Em seu relato, a freira não é um ser desprovido de sexualidade, pelo contrário, com seu recato dissimulado, era capaz de seduzir até o mais “devoto” dos homens. Já os padres, além de existirem os namoradores de freiras, muitos eram plebeus, e grosseiros, outros, “livres -pensadores” que não poupavam sarcasmos à igreja, além disso, conforme o autor, tinham publicamente, mulheres e filhos. Martins, (1987, p. 387) menciona uma carta escrita por um padre jesuíta exilado na Urbania (região da Itália) que insatisfeito com o ordenado recebido pelas missas que realizava, pede permissão ao desembargador Sampaio para ter o direito de cobrar por elas e assim não morrer de fome.

Uma história recorrente na época era o caso do convento do Sacramento, em Alcântara, cidade de Lisboa, conforme Martins (1987), corria a história de que Satanás entrara em pessoa no convento através de uma janela e seduzira as freiras, entretanto, esse belzebu eram nada menos que desembargadores, os quais iam visitar suas primas freiras. O resultado desse acontecimento: freiras na inquisição e as paredes dos quartos do estabelecimento invadido, tapadas e pintadas com cruces vermelhas “para afugentar o demônio”. O historiador relata esses fatos de forma satírica fazendo por diversas vezes juízo de valor de “seus personagens”. Contudo, o que é mais interessante na escrita de Martins é o modo como adjectiva Portugal e, principalmente, Lisboa: “mal cheirosa Lisboa- fedorenta; sociedade em decomposição podre”, ignara, e que de tão decadente, só não perdeu o Brasil:

Porque ele próprio [Brasil] soube defender-se. Quando o Brasil começou a render, D. João V começou a reinar e a gastar. Devorou-se o que ainda restava em Portugal, devorou-se tudo o que veio da América.[...] D. Maria I endoideceu de todo; e na cena portuguesa levantou-se a espessa figura do príncipe –regente, com seu olhar vago, na imóvel contemplanção da régia ociosidade, bocejando em permanência- a assistir com as mãos nos bolsos, indiferente e passivo, ao desabar ruidoso do carcomido edifício da nação. (MARTINS, 1987, p. 389. Grifos nossos)

É nesse cenário que o *Almocreve de Petas* está inserido, por isso é interessante notar que a forma como o cavaleiro sonhador escreve a carta a seu amigo, para contar-lhes dos fatos ocorridos na Ilha dos Tafuis, se assemelha ao modo como Martins (1987) relata/ narra a história de Portugal. Na carta, o remetente denuncia os fatos que oniricamente vê na ilha, a qual, na verdade, é conforme já dissemos anteriormente, uma alegoria da Corte. Na sua continuação, publicada, no Tomo II do periódico, Sonhé dá continuidade ao sonho, numa espécie de narrativa folhetinesca, pois por mais que Meyer (1996) determine que o romance folhetim só despontou no início do século XIX, na França, percebemos que a escrita dele já se fazia presente, no epistolar, do século XVIII, como é o caso da obra em análise. Ela abrange características próprias do gênero romance folhetim, ou seja, narrativa que tem como finalidade primordial, o entretenimento de seu leitores e que possui o fórmula “continua amanhã”, retomando o assunto tratado no número anterior para deixar o leitor,

⁴ A forma como Oliveira Martins (1987) relata/narra os fatos chega por vezes a se assemelhar a um texto narrativo e fictício. Ao descrever e narrar os feitos das personalidades (personagens), permite que o leitor chegue a imaginar que está lendo um romance, tamanha é a subjetividade com que o autor aborda a história de Portugal.

que perdeu o número precedente a par do que foi narrado, a exemplo de: “Estimadissimo Amigo meu; alguma cousa molesto; e com bastante pressa, por não faltar, passo a comunicar-lhe com a maior brevidade o sonho, que lhe anunciei o Correio passado. Desejo-lhe saúde, & c”. É interessante notar que os romances mais famosos do século XVIII, entre os quais *Pamela*, de Richardson, *Ligações perigosas*, de Cordelio Laclos, entre outros, foram escritos em forma epistolar, pois o que chama a atenção é o fato de esta carta que está sendo analisada, ter justamente o mesmo formato do romance folhetim e ser publicado em folhetos que cicularam nos meios mais populares. Segue mais um trecho da obra:

Eis-que de hum beco resoavão humas vozes de mulheres em tom de briga; botei a cabeça para dentro do beco, e vi huma raparigota botando milho em huma capoeira de galinhas, muito avermelhada, dando raivosas razões, e disputando ter dom, ou não ter dom, com huma mulher de hum homem, que fazia méchas para o gasto daquela ilha [...] Espere Carta para o Correio que vem para a continuação do mesmo sonho. (*Almocreve de Petas*, parte XLVIII, 1799, Tomo II, p. 5-6)

No fragmento acima, podemos perceber pelo menos três elementos da narrativa: narrador (o remetente); personagens secundárias, duas mulheres que estão debatendo sobre algo banal, se uma tinha ou não tinha “dom” (enredo), ocasionando o conflito da narrativa; e o espaço (beco). Portanto, mais uma vez afirmamos ser a carta analisada, um romance jocoso, pois possui o gancho, que é o de deixar o desfecho sempre para o próximo capítulo (MEYER, 1996). Além dos elementos da narrativa mencionados, observamos que o enredo aborda fatos do cotidiano, demonstrando assim, que além de ser um romance como vimos afirmando, a obra também tem características do romance, cuja principal característica foi segundo, Ian Watt (1990), o realismo, configurando-se através da representação de pessoas e fatos comuns.

Segundo Carlos Ceia (2014), o gênero epistolar pode dividir-se em duas categorias distintas que mesmo assemelhando-se também possuem suas especificidades.

Distingue-se uma epístola de uma carta comum, pois não se destina à simples comunicação de factos de natureza pessoal ou familiar, aproximando-se mais da crónica histórica que procura relatar acontecimentos do passado. A utilização do termo alarga-se, depois, a todo o tipo de correspondência privada ou oficial, literária ou filosófica, religiosa ou política, pelo que a partir desta generalização se torna difícil estabelecer com rigor a diferença entre uma epístola e uma carta. (CEIA, 2014. s.p)

Em *o Almocreve de Petas*, algumas correspondências são cartas pessoais, como a que tem como título *Tua avó* e escrita aparentemente por Martha Sofia. O objetivo da carta é relatar ao neto, Manoel Távira de Olhavo, que está no Brasil, preso no Estado do Maranhão (percebemos a localidade do destinatário, na carta escrita por ele em resposta à avó), os problemas de saúde pelos quais está passando no momento. Vejamos um fragmento da carta citada:

Meu neto, cá arrecebi as tuas perniciosas letras, que muito sinto por saber, que tens passado alguns incomios, indas que antances me encherão de grólia as tuas impressões: cá me contou Gerolmo Fagulha, filho de Agachada, que tinha embarcado no Trintão [...] eu estou para cada hora, com os pés para a cova, estou huma trave podre, desne que te alzentaste, tenho sido huma maré magra de queixas, arrebentárão-me duas Parrochias no pescoço, [...] logo tambem me nasceo hum Lourenço aqui n’hum quadril, que me hia tomando a águeda toda, salvo seja: estive dez dias a caldos, e eu que tinha a natureza muito fraca; cando me ergui, parecia a estatula da morte, agora estou com pataracas nos olhos de fórma que he preciso ólicos para enxergar: [...] todos dizião, Martha morre, Martha morre, não

me querião dar de comer, mas ergui-me, e fui ao almario, e dixei, morra Marta, morra farta (*Almocreve de Petas*, parte XVI, 1798, Tomo I, p. 3-5).

Percebemos no trecho acima, que até os nomes dos personagens mencionados por Martha Sofia possuem um caráter satírico. Além disso, a sátira às pessoas das camadas mais populares que escreviam na época também se fazia presente, pois demonstrava que elas não dominavam a técnica da escrita epistolar. Já outras correspondências, são epístolas, ou seja, retratam temas de cunho político, de leitores respondendo charadas, feitas pelo redator no número anterior do periódico e para fazer críticas, elogios ou sugestões acerca de conteúdos publicados.

A participação de falsos leitores era uma prática recorrente na época, que penetrou, como se sabe, para a escrita em periódicos no século XIX. (BARBOSA 2007), pois se tratava de uma tática do redator para aumentar a circulação de seus escritos e para evitar ou responder possíveis críticas, antecipadamente. É inegável, ao nos depararmos com as cartas nos jornais, que a imprensa no século XVIII foi um lugar de discussão de ideias e de opinião de muitos leitores, o que lhes permitia fazer intervenções públicas, como solicitar, ou criticar algo que os estavam incomodando e o espaço por excelência utilizado para tal fim era o gênero epistolar. Entretanto, muitos redatores se aproveitavam de tal recurso para forjar falsas cartas que os beneficiassem em algum aspecto do jornal. Vejamos outro fragmento da missiva “escrita” por alguém de pseudônimo *Sa Vedra*, cujo título é: *Carta que de Coimbra escreverão ao Editor*:

Com a maior admiração tenho comprado, e lido a Collecção do seu Almocreve de Petas, e louvando-lhe muito a dificuldade, a que se propoz, visto que vai desempenhando o promettido: he certo, que té quinto, ou sexto folheto eu disse comigo, que tão impossivel era a sua continação, como sua venda, pois que o povo tanto se chocava inda para as cousas da primeira necessidade em tempos tão críticos [...] Tudo Lisboa come, e de tudo Lisboa se veste: ninguem falta a estas cerimonias; os theatros tem enchentes, [...] ao Domingo he preciso empenho para huma sege, nada se faz de graça, a moda corre a pezar da choradeira do não tenho, não entendo, dizia certo doído vide santarem. Ora combinando o que assim fica dito, com o diminuto preço de 40 réis, que custa o seu folheto, devo affoitamente rogar-lhe que não pare com as petas, porque está sabido, que todos tem para tudo [...] Sou obrigado a confessar, que o tal Editor tem talentos, e propensão para as gracinhas [...] Deos lhe prolongue a vida para desterro da nossa melancolia, e lhe dê a. v. m., e a elle tantos 40 réis, como de petas nos encaixão, sirva-se da minha amizade, que sempre experimentará no seu Muito Amigo. *Sa Vedra (Almocreve de Petas*, parte LXIII, 1799, Tomo II, p 3-5).

Podemos verificar, no trecho, mais uma participação de falsos leitores em jornais, subtendemos que o objetivo da carta acima é tentar fazer com que os leitores aceitem os escritos jocosos de José Daniel, visto que o editor satirizava constantemente os fatos políticos e sociais que estavam ocorrendo na época. Sendo assim, podemos inferir que tal estratégia (do editor) tenha como objetivo elogiar seu jornal e, ao mesmo tempo, criticar os costumes locais, conseguindo a aceitação de seu público leitor. Outra coisa interessante que corrobora essa afirmação é o fato do remetente assinar com um pseudônimo, o que naquele momento era uma prática comum. A seguir veremos alguns sujeitos e lugares comuns que eram constantemente satirizados no *Almocreve de Petas*.

3. Os lugares comuns satirizados no *Almocreve de Petas*: a mulher, o taful e os costumes de Portugal

Percebemos no decorrer da pesquisa, alguns lugares comuns que são continuamente satirizados em *O Almocreve de Petas*: a mulher, o taful (festeiro, vagabundo), e os costumes de Portugal. Para a compreensão do que se concebe por sátira e principalmente o que é tal categoria

analítica no contexto de produção no qual o jornal analisado circulou, coadunamos com Hansen (2003, p. 69) que afirma ser a sátira, “não uma imitação de supostos “fatos” da empiria, mas sim, algo que encontra a realidade de seu tempo como sistema simbólico convencional de preceitos técnicos, verossimilhanças e decoros partilhados por sujeitos de enunciação, destinatários e públicos empíricos”. Ou seja, retomando o que já foi dito na introdução, pretendemos neste trabalho, fazer um estudo pensando no seu contexto de enunciação tentando restaurar as práticas presentes à época, para que assim, seja possível ressaltar os tipos comuns satirizados e qual o motivo disso está acontecendo naquele espaço geográfico e naquele século.

Segundo Hansen (2003, p. 70), há dois tipos de destinatários que são alvos da sátira: o discreto e o vulgar. De acordo com o autor, “as agudezas ridículas ou maledicentes dos estilos especificam a superioridade do juízo do destinatário discreto, capaz de refazer na recepção as distinções dialético-retóricas aplicadas pela enunciação aos conceitos encenados”, Vejamos:

O destinatário discreto recebe a representação duplamente, como tipo apto a entender a significação engenhosa das deformações cômicas dos temas e a perícia técnica do artifício aplicado à invenção. Quanto ao destinatário vulgar, a sátira é composta contra ele, acusando-o de falta de virtudes ortodoxas, para a qual prescreve a correção das normas institucionais que regulam as ações, e para ele, divertindo-o com vulgaridades sem regras do juízo. (HANSEN, 2003, p. 70)

Em o *Almocreve de Petas*, prevalece o primeiro tipo especificado: o discreto, no folheto, o destinatário é o leitor do jornal. Isto é, o remetente escreve a um leitor que é capaz de perceber o jogo satírico presente em seus escritos. A satirização da mulher, concebida enquanto ser vulnerável e frívola é algo constante no periódico, principalmente nas cartas e, mais especificamente ainda, na do sonho de “*D. Sonho Sonhé*”, *corpus* deste trabalho. Nele, o autor do texto utiliza-se de elementos retóricos para satirizar esse lugar comum: a mulher. Para falar e, nesse caso, satirizá-la é preciso conhecer os lugares comuns aplicáveis ao feminino naquela época, ou seja, entender seu arquétipo. De acordo com Tringali (1988, p. 64), lugar comum é: “um pequeno número de tipos formais” e que também pode ser definido como, “*tópoi, loci* e é caracterizado por ser certas noções formais ou conceitos, expressos por uma ou poucas palavras de onde se tiram os argumentos, *sedes argumentorum*”. Sendo assim, em *O Almocreve de Petas*, na *Carta, que o Cavalheiro de Bragas costumado a pezadellos escreveo ao seu Amigo de Lisboa; participando-lhe outro sonho que teve de tanta Variedade e gosto*, entendemos que o autor em suas sátiras dirigidas à mulher utiliza-se desse recurso para realizar seu intento, ele ressalta, por exemplo, a primeira tópica da mulher, a vaidade, como se vê no trecho que segue:

Seguido pois dos meus inseparáveis companheiros, chegou-se a mim huma Adéla, que não trazia menos que huma colcha bordada, três lenções, e huma camisa fina, e tudo era importunar-me, se eu queria comprar, se eu queria ver [...] “Olhe meu Senhor, compre-me isto, que compra bem, e muito em conta, porque sua dona está em hum grande véxame, se ajustar tudo, até faz huma obra de misericórdia(*Almocreve de Petas*, parte L, 1799, Tomo II, p. 2-3)

O fragmento acima retrata a continuação de um sonho da ilha dos tafuis, nele o remetente relata ao seu amigo que, ao se deparar com a Adéla – que segundo o *Dicionário de Língua Portuguesa de Moraes* (1789) significava mulher que vende fatos, e roupas fadas polas ruas, ou em casa – , acredita que ela seja uma órfã ou viúva que está vendendo artefatos para sua subsistência. Entretanto ao perguntar aos seus companheiros (homens que estão sempre acompanhando Sonhé em sua aventura onírica), descobre que na verdade é apenas uma criada que está vendendo coisas usadas da sua senhora:

A este tempo chegou-se a Adéla a mim, e quasi em segredo, me disse, isto he de huma Senhora viuva, que faz hoje os seus annos, condou muitas Senhoras da sua amizade; há huma grande assembléa, e coitadinha está sem real; tão depressa v. m. ajuste alguma cousa destas, como logo vai tudo para chá, assucar, e bolos. Dei a minha risada, mas não me fiz estranho no caso, por conhecer que naquela Ilha tudo he tafularia; virei as costas, e segui o meu caminho. (*Almocreve de Petas*, parte L, 1799, Tomo II, p. 3, grifos nossos)

Ou seja, o remetente/narrador estava prestes a ajudar a mulher “necessitada”, porém ao descobrir em que o dinheiro arrecadado seria investido ele escarnece da situação e constata mais uma vez que “naquela ilha tudo é tafularia”. Nessa mesma carta, observamos outra tópica com a qual se satirizava a figura feminina: a sensibilidade amorosa. Há no fragmento exposto abaixo, uma representação da típica mulher que necessita de outra mais experiente para ajudar nas questões concernentes ao amor. Sonhé, no entanto, satiriza o fato de a avó ensinar à neta o que para ele seriam frivolidades, ao invés de instruir-lhe sobre preceitos e virtudes morais. Vamos ao trecho:

[...] estava a huma janelinha perto da rua huma velha de óculos, ensinando a ler a Neta, que teria quatorze annos, huma carta de amores, que hum petimere lhe tinha dado; foi então que me enchi de cólera, lancei-lhe a mão ao papel, e disse-lhe, admire-me que a cançada velhice carregada das desordens do mundo, caia em levar a mocidade por hum caminho tão errado; ensine a essa pobre menina os preceitos da sua Lei, e as virtudes moraes, que os seus annos devem desempenhar à proporção do seu augmento. (*Almocreve de Petas*, parte L, 1799, Tomo II, p. 3)

Uma prática recorrente à época era a função moralizante dos textos que circulavam nos periódicos do século XVIII, o que era uma função desse suporte. Segundo Barbosa (2006, p. 30), “Até o fim do século XIX o que parece ser Literatura são textos que mantêm a perspectiva horaciana de instruir e deleitar”. De acordo com a autora, inúmeros são os escritos das colunas Literatura que se debruçam sobre a questão do que chamavam de “instrução pública”. Conforme temos visto até aqui, o *Almocreve de Petas* é um jornal satírico, que visa desmascarar as hipocrisias encobertas pela sociedade e por que não dizer, por outros jornais da época, que pregavam a boa moral das famílias e que tinham como principal função instruir principalmente as mulheres no que concerne aos bons costumes, cristãos e morais. Entretanto, no jornal de José Daniel Rodrigues da Costa, como podemos ver em passagens como a citada acima em que o autor da carta se mostra preocupado com a educação da “moça”, o que se caracteriza como uma estratégia para moralizar, ao mesmo tempo em que almeja essa instrução do feminino, ele também faz isso com o intuito de satirizá-las e para alertá-las a se preocuparem não apenas com coisas supérfluas e sim com o que realmente forem importantes. Ainda nessa mesma parte da carta, Sonhé relata que, ao deixar a cena da avó e da neta, vê uma mãe consolando duas crianças, o que se configura como a terceira tópica da mulher: a maternidade.

Vale ressaltar, mais uma vez, que não estamos nesse estudo, emitindo qualquer parecer sobre o comportamento do editor, mas apenas demonstrando os modos de representar de forma satírica essas figuras. Qualquer juízo de valor soaria de forma anacrônica, em relação aos modos de narrar os costumes da sociedade da época. Ademais, junte-se a isso, o fato de pretendermos mostrar como o *Almocreve de Petas* se apropria de elementos retóricos para, em seu tempo, satirizar esses costumes. Hansen (2003) afirma que “impõem-se à sátira e mais artes desse tempo a rígida normatividade ética e retórica”, que:

Prescreve a imitação regrada de modelos do costume, ou seja, a repetição das autoridades adequadas à representação verossímil e decorosa dos temas e tipos. A

indistinção de público/privado determina que parecer algo, como “filho de algo” ou “fidalgo”, seja tão fundamental quanto ser algo, uma vez que os signos da posição social são dados em espetáculo como evidência da mesma. (HANSEN, 2003, p. 71).

D. Sonho Sonhé nada mais faz do que repetir os modelos pré-estabelecidos. Ou seja, ao tratar da mulher, o autor reafirma o que está no imaginário comum sobre as suas representações. Ao tratar da mulher, numa perspectiva satírica, principalmente se nos reportarmos ao século XVIII, intuitivamente nos vem ao pensamento tópicos como: vaidade, sensibilidade amorosa e maternidade.

Outro lugar comum satirizado no *Almocreve* é o homem “Taful”, o famoso janota tão mencionado nas obras românticas do século XVIII a exemplos de *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz, na literatura portuguesa e *A pata da Gazela*, de José de Alencar, na brasileira, e é também o que atualmente concebemos por almofadinha. Assim como em relação à mulher, a vaidade do homem taful também é satirizada no *O Almocreve*, como demonstra a seguinte citação:

Admirei hum tafulão, que dizia dentro da cabana de outra Adéla: Olhe, Senhora, ellas custarão-me duas peças, pezão 4600, e além de perder o feitio, quero perder mais seis tostões, v. m. promete meia moeda, e já lhas dou por 400 reis, v. m. compra bem, e eu vou comprar o meu gosto para andar à moda, porque fivelas posso eu dispensar, pondo os lacinhos nos çapatos (*Almocreve de Petas*, 1799, parte L, Tomo II, p. 3.)

Assim, percebemos um taful disposto a tudo para se inserir no padrão de moda exigido na época. Antes de prosseguirmos com a explanação sobre os lugares comuns do jornal em análise, é importante salientar também o jogo retórico que o remetente/ narrador do sonho da Ilha dos Tafuis faz para chamar a atenção de seu leitor, que no texto é dirigida a um remetente específico (“Caracol Dias”), mas que por circular em um suporte em que uma grande parcela da sociedade tinha acesso, devido ao baixo preço do jornal, acaba sendo lido por muitos. Segue, abaixo, um fragmento que demonstra o jogo retórico mencionado:

Meu muito estimado amigo, não perdendo de vista a promessa, que lhe fiz, lhe continuo as varias scenas sonhadas na minha Ilha dos Tafues, que ainda que me dão algum trabalho escrevellas, serve-me de satisfação o ter a notícia, de que v. m. engraçou com ellas; este o motivo, porque prosigo (*Almocreve de Petas*, parte LIII, 1799, Tomo II, p. 2-3).

Podemos observar, mais uma vez, uma grande preocupação em agradar o público leitor da época, o que era uma prática recorrente, à época, nos jornais, bem como um diálogo constante por parte do remetente em relação a seu “destinatário”. Senão vejamos:

É preciso salientar que José Daniel não inaugurou esta relação de diálogo com o leitor, índice de modernidade para Ferreira (2011, p. 61), mas que se tratava de prática presente em vários folhetos do século XVIII. Cito como exemplo, o prólogo de *Anatômico jocoso, que em diversas operações manifesta a ruindade do corpo humano para emenda do vicioso* (1752), de A. Pinto Vieira, no qual seu autor estabelece essa conversa com o leitor, desde esse tempo considerado como curioso: “Curioso leitor, chamo-te assim porque sei, que se o não fosses não andarias a estas horas revolvendo-me as folhas, para conheceres as boas, ou más intenções das minhas obras: as que te ofereço, posso te assegurar, que há mais de meia dúzia de anos que me fazem companhia, nas horas de tristeza”. Pode-se

afirmar, com relação à obra de José Daniel Rodrigues da Costa, que o novo, ou o moderno nestes prólogos, como os considera Ferreira (2011), é esta representação do leitor como um consumidor, um comprador dos seus escritos. (BARBOSA, 2012, p. 18)

Em quase todos os números da carta/ romance, o remetente/narrador demonstra uma preocupação em saber se está agradando o seu receptor. Além disso, assim como faziam os autores românticos brasileiros como Machado de Assis, José de Alencar e tantos outros, Sonhê justifica o fato de escrever sobre as taularias ocorridas na Ilha pelo fato de não ter algo mais útil para fazer. Também faz um jogo retórico para convencer os assinantes a continuarem acompanhando seus escritos:

Estimavel Amigo, por não querer ser-he pezado com os importunos sonhos dos meus pezadellos, eu tinha formado tenção de não continuar o que lhe principiei a comunicar nos dous Correios passados; porém como recebi a sua atenciosa Carta, louvando-me muito a combinação das minhas idéas dormideiras...(*Almocreve de Petas*, parte XLIX,1799, Tomo II, p. 2-3)

Assim como o fragmento acima há outros como: “Tudo deixo para o Correio que vem, contentando-me por agora com mostra, que desejo satisfazê-lo em tudo”. Essa era uma tática utilizada para despertar o interesse dos leitores, tal qual faziam os folhetinistas com o chamariz “continua no próximo número” (MEYER, 1996). Observa-se, contudo, que essa demanda do leitor é satirizada como curiosidade, representação de um leitor curioso, bastante comum na prosa machadiana.

Dando continuidade aos lugares comuns satirizados, demonstraremos o segundo tipo satirizado: o home taful presente na carta/romance de D. Sonho Sonhê. Como já foi dito anteriormente nessa pesquisa, a Ilha pode ser compreendida como uma alegoria de Portugal e como o próprio nome já diz, uma “Ilha de Tafues”, ou seja, indivíduos que vivem alegremente e se vestem de maneira excessiva. Ao passo que formos exemplificando a sátira lançada a ele, mostraremos também a que é feita ao país de Portugal e principalmente a cidade de Lisboa, pois entendemos que ambos os lugares comuns estão imbricados.

Nas cartas de o *Almocreve de Petas*, são evidenciados por meio dos tafues, os problemas decorrentes de novos modelos de conduta social, pois elas conflitavam com as práticas conservadoras tradicionais:

He hum Taful desta Ilha muito procurado, o homem mais fácil em tudo quanto promete, que se tem visto, traz muita gente a reboque, e nada conclui; porque nelle, por tafularia, o mesmo he prometter, que faltar, tudo empata, engana a todos com rodeios, e estratagemas de persuasão, e já a muitos, no seu projecto, lhe tem tordado algum tombo por fim da galhofa. Disse eu cá comigo, destes há muito lá na minha terra. (*Almocreve de Petas*, Parte LII,1799, Tomo II, p. 2-3)

Na passagem acima, Sonhê ao passar por uma casa em que há “três *seges*” à frente (carruagem antiga com duas rodas), como de costume, pergunta a seus companheiros quem mora em tal local, é então informado que pertence a um taful. Percebemos assim, a sátira feita aos costumes locais da época, e assim como Oliveira Martins (1987), o folheto também desmascara os conflitos e mazelas ocorridas em Portugal no século XVIII. A diferença é que, nesta narrativa fictícia, Sonhê faz o mesmo oniricamente, relatando ao amigo as astúcias do Taful, homem que engana e persuade a todos, ao mesmo tempo em que estabelece também analogia com o que está ocorrendo no plano da realidade, quando pensa consigo mesmo que: “destes há muito lá na minha

terra”. Sendo assim, podemos perceber a sátira feita tanto a Portugal quanto aos cidadãos que dela merecem ser satirizados: os tafuis.

Na continuação da carta que vimos analisando até aqui, e como foi afirmado anteriormente é escrita em forma de romance jocoso, vemos mais uma sátira do autor direcionada ao taful. Ele narra o episódio de uma mãe que faz tudo o que o filho lhe pede:

Encontrei huma velha decentemente vestida, com o seu cró, e em trages de viuva, pedindo-me, que a socorresse com huma esmola; assim o fiz, e porque lhe observei hum semblante de senhora de bem, inquiri dos meus companheiros, quem era aquella pobre senhora, ao que me responderão: *esta miseravel viuva he Mãi de hum grande Taful desta Ilha; que faz de renda perto de seisentos mil réis nos seus empregos, porém tão desordenado na sua tafularia, que tudo reparte com as que lhe não são nada, desprezando quem lhe deo o ser, e consentindo que sua Mãi mendigue de porta em porta o pão para seu sustento [...]* Benzi-me mais de 6 vezes de huma cousa a meus ouvidos tão estranha. (*Almocreve de Petas*, parte LIII, 1799, Tomo II, p. 3).

No fragmento acima, D. Sonho Sonhé lança suas sátiras tanto à mulher que aceita com resignação o tratamento a ela dado pelo filho, quanto a esse, que não dá a devida proteção a sua genitora. Percebemos, a forma como o homem taful é representado pelo jornal: gastador, namorador e vaidoso. Na antepenúltima parte/ capítulo da obra em análise, Sonhé afirma ao amigo que cumpriu o propósito de lhe narrar tudo que viu e viveu na “Ilha dos Tafues” e confessa-lhe que, muitos fatos que presenciou nela, podem ser vistos verdadeiramente, na Lisboa da época:

Estimadissimo Amigo, he já tempo de pôr termo ao meu sonho da Ilha dos Tafues com esta Carta, em que satisfarei com o resto do mesmo sonho, desvanecendo-me muito da graça, que v. m. lhe tem achado, por se assemelharem algumas cousas, das que eu vi dormindo, com muitas das coisas que. V. m. tem visto acordado por esse mundo velho, onde a variedade de acontecimentos, genios, e figuras, compõe o grande livro Lição Pública nas miudezas da vida; [...] assim andamos embebidos em errados systemas, moldando aos outros muitas das engraçadas críticas, que em nós talvez melhor assentarião; em fim he mundo, onde todos jogão, e poucos sabem fazer a sua vaza: vamos a acabar o sonho, e veremos depois se com ele acórdão alguns dos que dormem nos vícios, que se me tem figurado. (*Almocreve de Petas*, Parte LV, 1799, Tomo II, p. 3)

No trecho acima citado, percebemos o alerta do remetente/narrador, ou seja, se durante as outras partes/capítulos de seu sonho ele foi satírico e zombador dos costumes da época, nessa parte, ele é objetivo em sua crítica, deixando claro qual o propósito de sua carta/romance: tentar, por meio de suas “petas jocosas”, despertar a sociedade portuguesa para os fatos negativos que estão acontecendo na cidade de Lisboa do fim do século XVIII.

Por fim, o destinatário, Caracol Dias de Abreu, a pedido de Sonhé, escreve-lhe uma carta para relatar fatos que estão ocorrendo em Lisboa no plano da realidade:

Senhor D. Sonho Sonhé, depois que recebi as suas preciosas Cartas em que me participava os seus exquisitos sonhos, vi que na ultima V. m. me pedia novidades de Lisboa; então por falta de tempo, e por diversos motivos não satisfiz ao seu empenho, agora porém me resolvo cumprir com o seu desejo por desafogar o meu espirito, que tão cançado se vê de observar, e experimentar as desordens da tafularia de Lisboa: oh que raras cousas são commentadas por mim, e por pessoas de mais reflexão!.. temos por cá muita qualidade de gente, e vendo-se Lisboa povoada de Portugueses,

observa-se entre elles tal variedade, que alguns se fazem Gregos pelo muito que custão a entender [...] vejo hum turno de gente desta que pornoita, e amanhece nos bilhares, sem modo de vida, sem credito para o adquirirem, sustentados pela Divina Providencia, povoando os Cafés das mesmas casas de jogo, dando de palanfrorio volta ao mundo com medo não se esturre, e alli com a maior desenvoltura mermurão do preterito, do presente, e do futuro, e o mais he que entretidos nesta vagabunda vida, quando se procura hum rapaz para este ou aquelle exercicio, não se acha: he huma das cousas com que pasmo! Ver a carestia de tudo em Lisboa. (*Almocreve de Petas*, parte XCII, 1799, Tomo II, p. 3-5)

Vemos, portanto que, assim como em sonho, D. Sonho Sonhé, relata as mazelas encontradas na “Ilha dos Tafues”, demonstrando, que ao passar pelas ruas da cidade de Lisboa, encontrava-se com as várias camadas da sociedade, como mulheres pobres, vaidosas, namoradeiras; homens “tafues”, preguiçosos, viciados em jogos, ex chefes da tafularia (alegoria de ex governantes da cidade de Lisboa) entre outros. Da mesma forma, Caracol Dias de Abreu, destinatário da última parte da carta/romance em análise faz o mesmo tipo de relato, só que com fatos que, segundo ele, estão acontecendo realmente, o que corrobora nossa afirmativa de que a “Ilha dos Tafues” é uma alegoria da Corte portuguesa do fim do século XVIII.

Na carta de Caracol, também podemos observar que ele passará de destinatário, que até então se mantinha passivo na história, a remetente/narrador, pois ele promete a Sonhé que lhe escreverá mais para manter-lhe informado: Contente-se V. m. com isto por agora, e para o outro Correio darei as crecenças, receba saudades infinitas da minha Eva, e do Joãozinho, que já cuspiu na cara da Máí duas vezes arrenegado, e o outro dia deo hum murro na Tia, de que ella está muito satisfeita, pelo rapaz dar nisto provas de vir a ser muito vivo (*Almocreve de Petas*, parte XCII, 1799, Tomo II, p. 5)

No trecho, fica implícita mais uma sátira, Caracol relata as atitudes de “Joãozinho” (a carta não informa, mas podemos pressupor que seja um dos filhos do remetente), que desrespeita a mãe cuspiu-lhe na cara, e também bate na tia. O que é jocoso e resulta na sátira do remetente, que na verdade é o próprio editor, é o fato de ele afirmar que todos estão satisfeitos com as atitudes do menino por “dar nisto provas de vir a ser muito vivo”. Ou seja, ele (Joãozinho) estava reproduzindo os costumes e práticas corriqueiras do ambiente ao qual vive, deixando entrever que as práticas, alvo das sátiras do editor durante todo o período de circulação do jornal, continuarão a acontecer e não terá ninguém que lhes possa pôr um fim.

Após a análise das cartas presentes no jornal *Almocreve de Petas*, constatamos que uma delas: *Carta, que o Cavalheiro de Bragas costumado a pezadellos escreveo ao seu Amigo de Lisboa; participando-lhe outro sonho que teve de tanta Variedade e gosto* possuía características do romance folhetim (gênero que despontaria a partir do século XIX nos rodapés, inicialmente, dos periódicos franceses e posteriormente para outros países, segundo Meyer (1996). Assim, podemos afirmar que, mesmo o texto mencionado estando, no jornal analisado, posto como carta, na verdade pertence ao que atualmente conhecemos como romance folhetim. Assim, considerando o caráter jocoso do jornal periódico, podemos afirmar que essa é uma forma de satirizar também o romance epistolar, publicado em periódicos. Além disso, constatamos que a ilha (espaço narrativo da carta/romance) é uma alegoria da Corte portuguesa do século XVIII, isto é, o remetente utiliza-a como um meio de satirizar as práticas sociais, políticas e culturais da época. Assim, foi possível compreender o lugar desta e de outras várias cartas, também analisadas neste trabalho, como o do lugar-comum da sátira, nas quais os seus “remetentes”, muitas vezes fictícios, se apropriam das técnicas retóricas para satirizar tipos comuns de Portugal, mais especificamente da cidade de Lisboa. Para isso, foi necessário fazer um estudo sobre a retórica, arte que, há muito, está sendo esquecida pela crítica literária e o papel da epístola enquanto gênero literário muito presente nos periódicos jocosos do século XVIII.

Os tipos comuns alvos de sátira no jornal eram: a mulher, vista como namoradeira e vaidosa; o taful (homem vaidoso, jogador, que vive alegremente) e a cidade de Lisboa, tida como corrupta, suja, desestruturada economicamente, culturalmente e cuja sociedade é composta (é o que podemos inferir nas cartas analisadas) por homens e mulheres que de tudo fazem para sobrepujar uns aos outros em troca de ascensão social ou, em alguns casos, por mera sobrevivência.

Por fim, duas questões fundamentais se apresentam neste artigo: primeiro, apresenta dados preliminares de uma pesquisa em curso, mas seus resultados já demonstram a dívida que a história da literatura luso-brasileira mantém com os jornais e periódicos, principalmente, os jocosos do século XVIII; segundo, recupera o seu lugar na popularização da prosa de ficção em fatias, principalmente, a partir do gênero epistolar.

Referências

Almocreve de Petas ou moral disfarçada, para a correção das miudezas da vida, por José Daniel Rodrigues da Costa, entre os pastores do Tejo Josino Leirense. Oficina de J.M.F de Campos. Tomos, I e II: Lisboa, 1819.

Anatômico Jocosos, que em diversas operações manifesta a ruindade do corpo humano para emenda do vicio, pelo padre Fr. Francisco Rey de Abreu Mata Zeferino. Oficina do doutor Manoel Alvarez Solano. Lisboa. 1755-1758.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. Imprensa periódica em folhetos periódicos. Manuscrito não publicado. Universidade de Lisboa. Submetido para publicação. 2012.

_____. A escrita epistolar como prosa de ficção: as cartas do jornalista Miguel Lopes do Sacramento Gama. *Revista Desenredo*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 7, n. 2, p. 331-344-jul./dez. 2011.

_____. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

CEIA, Carlos. *Dicionário de termos literários*. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/> Acesso em: 5 mar. 2014.

FREIRE, Francisco José. *Secretario portuguez, ou methodo de escrever cartas*. Lisboa: Tipografia Rolladiana, 1787.

HANSEN, João Adolfo. Pedra e cal: freiráticos na sátira luso-brasileira do século XVII. *Revista USP*, São Paulo, n. 57, p. 68-85, mar./maio 2003.

LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1967.

MARTINS, J.P. Oliveira. *História de Portugal*. Guimarães editores. Lisboa. 1987

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PÉCORA, Alcir. *Máquina de gênero*. São Paulo: Edusp, 2001.

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. Lisboa, 1789, tomos I e II.

SILVA, Inocêncio Francisco da. José Daniel Rodrigues da Costa. In *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858.

TIN, Emerson. *A arte de escrever cartas*. Campinas, SP. Editora da UNICAMP. 2005.

TRINGALI, Dante. *Introdução à retórica: a retórica como crítica literária*. São Paulo: Duas cidades, 1988.

WATT, Ian. *A ascensão do romance*. Trad. Hidalgard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Recebido em: 2 abr. 2015.

Aprovado em: 30 abr. 2015.